Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci3821unse

no XXXVIII – Brasil – E. S. Paulo – Matão, 15 de Março de 1962 - N. 2

REVISTA INTERNACIONAL DO ESPIRITISMO

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 1 5 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

A Partida de Allan Kardec . . . *Redação*
Cegos Geniais . . . . . *Ismael Gomes Braga*
Revides aos Contra-Rebates do Dr. Osmard . . . . . *V. O. Casella*
Sob a Inspiração do Evangelho . . *Philemon*
Um Artigo sôbre Zöllner . . . . *Deolindo Amorim*
Instituto de Cultura Espírita do Brasil *Da Diretoria do Instituto*
Hipnose e Espiritismo . . . . . *Osmard Andrade*
Serões Bíblicos . . . . . *Luiz Caramaschi*
Crônica Estrangeira . . . . . *Redação*
Necrologia . . . . . *Transcrito de "Almenara"*
Espiritismo no Brasil . . . . . *Redação*

Espiritismo e Protestantismo

Acaba de sair do prélo e já se acha à venda, esta oportuna obra, já em 4.ª edição.

Contém ela 135 páginas e encerra uma polêmica em pról da verdade, — luta uobliitante travada entre o nosso companheiro Cairbar Schutel e o ilustre Professor Faustino Ribeiro, em o ano de 1908, pelas eolunas de «O Alfa», de Rio Claro, valente campeão em favor do bem e da justiça.

Brochado Preço : cr.$ 70,00

O Espìrito do Cristianismo

Eis aqui um grande livro que os estudiosos do Evangelho e da Doutrina Espírita não devem deixar de ler, afim de ficarem a par dos magnos problemas da vida do espírito, pois, ao mesmo tempo que o seu autor, o nosso caro companheiro Cairbar Schutel, esmiuça diversas passagens evangélicas, apresenta testemunhos da Imortalidade da alma nos feitos e ensinos de Jesus.

«O Espírito do Cristianismo» é complemento de «Parábolas e Ensinos de Jesus», livro êste que vem iluminando as criaturas que desejam efetivamente estar com Deus em espírito. O estudo da obra em questão, constitúe o verdadeiro alimento do Espírito. E' encontrar luz e confôrto nas atribulações da vida e construir uma escada em demanda do reino de Deus.

Encadernado Preço : Cr.$ 280,00.

O Batismo

E' mais um valioso trabalho de Cairbar Schutel, já em 3.a edição, devido à sua grande aceitação.

E' um livrinho de grande interêsse para ser manuseado por todos aquêles que desejem, de fato, conhecer o significado do batismo.

Brochado Preço : Cr.$ 20,00.

Os Fatos Espíritas e as Fôrças X...

Referido livrinho, que já está na sua 3.ª edição, é indispensável a todos os estudiosos dos assuntos referentes à Doutrina Espírita. E' mais uma valiosa contribuição de Cairbar Schutel para esclarecimento dos Fatos espíritas e as fôrças X.

Esta nova edição está confeccionada em bom papel, tipo graúdo, portanto, de fácil e agradável leitura.

Brochado Preço : Cr.$ 20,00.

A' venda na Livraria «O CLARIM»

Caixa postal 11 — MATÃO — SP

Atendemos pedidos

sob Reembolso Postal

Vida e Atos dos Apóstolos

Livro de 296 páginas, é um trabalho de exclusiva orientação espírita, que salienta os estupendos fenômenos verificados no início do Cristianismo, ou fatos anímicos e espíritas, que constituem testemunho vivo da imortalidade, o fundamento racional do Cristianismo.

O autor desta obra, é o mesmo de «Parábolas e Ensinos de Jesus», e de «O Espírito do Cristianismo», complemento daquela, e, ainda, de «Interpretação Sintética do Apocalípse», — Cairbar Schutel.

Encadernado Preço: Cr.$ 260,00

Cartas a Esmo

Entre as numerosas produções deixadas por Cairbar Schutel, se encontra êsse precioso livrinho, já em 4ª edição, de 1956, contendo resposta a D. Joaquim Domingues de Oliveira, Bispo de Florianópolis, seguida do Discurso do Bispo Strossmayer, pronunciado no Concílio de 1870 contra a infalibilidade do Papa.

Recomenda se a sua leitura pelo valor das cartas esclarecedoras que encerra e do notável Discurso do Bispo Strossmayer, obra rara, e sempre da mais palpitante atualidade.

Brochado Preço: Cr.$ 40,00.

Histeria e Fenômenos Psíquicos

«Histeria e Fenômenos Psíquicos», que acaba de ser reeditada, devido a sua grande aceitação pelo assunto que encerra, é mais uma produção do saudoso Cairbar Schutel.

Esta nova edição, que é a 4.ª, foi impressa em tipo 12, maior do que o das anteriores, o que facilita a leitura. Além disso, todo o livro foi confeccionado com maior cuidado, tudo contribuindo para boa apresentação dêsse antigo trabalho de Cairbar Schutel, cujo valor intrínseco é o de uma obra de síntese e de lógica sôbre a tese de seu título e das curas espíritas.

Brochado Preço: cr.$ 50,00

Espiritismo e Materialismo

Esta inspirada obrinha do nosso saudoso e querido companheiro Cairbar Schutel deve figurar na estante de todos os espíritas.

Brochado Preço: Cr.$ 20,00.

A' venda na Livraria «O CLARIM»

Caixa postal 11 — MATÃO — SP

Atendemos pedidos

sob Reembolso Postal

ANO XXXVIII — E. S. Paulo — Matão, 15 de Março de 1962 — NUM. 2

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR-REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 780 — Oficinas: Rua Rui Barbosa, 1070

A Partida de Allan Kardec

NO dia 31 do corrente transcorre o 93.º aniversário do desencarne de Léon Hyppolite Denizard Rivail (Allan-Kardec), cujo desencarne verificou-se em Paris, em 31 de Março de 1869, aos 65 anos, por motivo da ruptura de um aneurisma.

Essa é uma das mais importantes datas registradas no Calendário Espírita, data que marcou o advento de uma nova era de espiritualização da humanidade e que jamais desaparecerá, pelo contrário permanecerá através dos séculos como um sol sem ocaso, a iluminar o caminho que conduz as almas para o reino imortal de Deus.

«Quatro orações foram proferidas à beira do túmulo do Mestre: a primeira pelo sr. Levent, em nome da Sociedade Espírita de Paris; a segunda pelo sr. Camille Flammarion, que não fez sòmente um esbôço do caráter de Allan Kardec e do papel que cabe aos seus trabalhos no movimento contemporâneo, mais ainda, e sobretudo, um exposto da situação das ciências físicas, no ponto de vista do mundo invisível, das fôrças naturais desconhecidas, da existência da alma e de sua indestrutibilidade. Em seguida tomou a palavra o sr. Alexandre Delanne, em nome dos espíritas dos centros afastados; e depois o sr. E. Müller, em nome da família e de seus amigos, dirigiu ao morto querido, os últimos adeuses.

«Todos os jornais da época se ocuparam do desencarne de Allan Kardec e procuraram medir-lhe as conseqüências. Eis aquí, a título de lembrança, um trecho do que a êsse respeito escreveu o sr. Pagés de Noyes, no «Jornal de Paris», de 3 de Abril de 1869:

«Aquêle que por tão longo tempo ocupou o mundo científico e religioso sob o pseudônimo de Allan Kardec chamava-se Rivail e morreu na idade de 65 anos.

ALLAN KARDEC

«Vimô-lo deitado num simples colchão, no meio da sala das sessões que há tantos anos êle presidia; vimô-lo com o semblante calmo como se extinguem aquêles a quem a morte não surpreende e que, tranquilos quanto ao resultado de uma vida honesta e laboriosamente preenchida, imprimem como que um reflexo da pureza de sua alma sôbre o corpo que abandonaram.

«Resignados pela fé em uma vida melhor e pela convicção da imortalida-

de da alma, inúmeros discípulos tinham vindo lançar um derradeiro olhar àquêles lábios descorados que ainda na véspera lhes falavam a linguagem da terra. Mas êles recebiam já a consolação de além-túmulo: o espírito de Allan Kardec veio dizer-lhes quais haviam sido suas comoções, quais as suas primeiras impressões, quais dos que o haviam precedido no além-túmulo tinham vindo ajudar sua alma a desprender-se da matéria. Se «o estílo é o homem», aquêles que conheceram Allan Kardec em vida não podem deixar de ficar emocionados pela autenticidade dessa comunicação espírita.»

Allan Kardec desencarnou como desencarnaram os grandes enviados do Alto: na humildade e na pobreza de bens terrenos. E como aquêles, deixou êle a revelação de coisas até então desconhecidas, quais as da imortalidade da alma, sua evolução e seu destino, assentando os alicerces de uma nova estrutura moral, científica e filosófica, sôbre a qual os povos, as nações e o indivíduo particularmente, resolverão os complexos problemas de sua existência.

Á medida que os tempos passam mais se avoluma o valor de Allan Kardec pelo seu trabalho e suas obras que, apesar de combatidas e incompreendidas pelo espírito de sistema, absorvido por interêsses pessoais e materiais e preconceitos de tôda espécie, mais se difundem e, como a luz, desfazem as trevas da ignorância.

Relembrando o 93.º aniversário do desencarne do Codificador da Doutrina Espírita, codificador que não pode deixar de ser o Paracleto prometido pelo Mestre dos Mestres, Jesus Cristo, «Revista Internacional do Espiritismo» rende-lhe uma pálida, porém sincera homenagem.

Cegos Geniais

No Primeiro Congresso de Cegos Espíritas que se instala no Rio de Janeiro—Gb, em 18 de abril de 1962, deveria aparecer um trabalho demonstrando que os cegos geniais, precìpuamente os que viveram antes de Braille, quando não existiam livros para cegos, provam as teses fundamentais do Espiritismo:

1) Sobrevivência do espírito.
2) Comunicações mediúnicas.
3) Reencarnação.

Não sabemos se alguém estaria preparando um trabalho nêsse sentido, por isso mesmo, embora cônscio de que não temos capacidade para obra de tal fôlego, vamos apresentar aqui um lembrete, modesta lembrança do assunto, para que outrem, melhor dotado de talento e conhecimentos, venha a escrever a obra que idealizamos nêsse sentido.

John Milton, o gênio universal da poesia, talvez maior do que Dante, é uma das pessoas mais encantadoras que o mundo já conheceu. No colégio foi cognominado de A Dama (*The Lady*), graças à sua beleza, à sua graça física, pelos cuidados com o vestuário e pelo pudor que revelava.

Expressava seu ideal com as seguintes palavras: «*He who would not be frustrated of his hope to write well hereafter on loudable things ought himself to be a true poem* (aquêle que não queira ser frustrado em sua esperança de escrever bem no além sôbre coisas louváveis deve ser êle mesmo um verdadeiro poema)».

É a doutrina de Platão sôbre a invencibilidade da virtude, e John Milton foi, êle mesmo, um verdadeiro poema, sempre comentado numa infindável biblioteca por seus pósteros.

Êle passou na Terra 65 anos, dos quais os últimos 22 na cegueira, quando produziu suas obras maiores — «O Paraíso Perdido», «O Paraíso Reconquistado» e outras.

«O Paraíso Perdido» trata da queda do homem pelo pecado e o «Paraíso Reconquistado» trata da redenção do homem pela virtude e pela dor. São dois livros imortais pela beleza da forma e que merecem um profundo estudo à luz da Doutrina espírita, estudo que até hoje ninguém ousou fazer.

Grande parte da obra de Milton foi escrita em latim e grego irrepreensíveis.

Suas obras maiores foram escritas sob ditado, por mão alheia.

Quando jovem Milton teve o ideal de seguir vida sacerdotal, do que desistiu, por notar que a Igreja se tornara uma forma de tirania. Visitou Galileu, quando êste, já velho e cego, era prisioneiro da Inquisição.

John Milton foi ardoroso paladino da República e trabalhou como secretário de Crommwel, cuja defesa brilhantemente fêz por várias vêzes. Bateu-se ardentemente contra a monarquia e quando esta foi restaurada, esteve prêso, e seus biógrafos dizem que é sempre mistério o fato de não haver sido êle enforcado e ter sido pôsto em liberdade. Compreendemos que uma Fôrça Misteriosa lhe salvou a vida para dar-lhe tempo de completar sua missão literária. Êle viveu de 1608 a 1674.

Alguns biógrafos dizem que morreu cego, paupérrimo, e abandonado por todos, mas a «Enciclopédia Britânica» silencia sôbre seus últimos dias, limitando-se a nos informar que o seu enterramento foi acompanhado por uma multidão.

Duzentos anos depois de Milton, viveu outro cego que foi um dos gênios da poesia, *Antonio Feliciano de Castilho* (1800-1875). Ficou cego aos seis anos de idade, muito antes da existência de escrita para cegos. Seus conhecimentos literários foram obtidos pelas leituras que outros lhe faziam e seus maravilhosos poemas foram escritos por mãos alheias, sob ditado.

Além de grandes obras originais, fêz magistrais traduções do latim, do francês, do inglês e do alemão, sempre com auxílio de leitores e copistas.

Sua obra literária é clássica e imortal. Castilho é um dos maiores criadores de belezas literárias de todos os tempos.

Contemporânea de Castilho foi uma poetisa brasileira, nascida no Rio Grande do Sul, que ficou cega aos dois anos de idade, mas deixou versos belíssimos, de grande inspiração e técnica irreprochável.

Vasilij Jakolovitch Erochenko, nascido em 31 de Dezembro de 1889, ficou cego pela varíola aos quatro anos de idade. Foi genial novelista, poeta, musicista, lingüista de fama mundial. Escreveu livros em russo, Esperanto e japonês. Pacifista ardoroso e defensor audacioso dos povos oprimidos e das classes sofredoras, foi expulso da Índia pelo govêrno imperial britânico, como agitador pela independência da Índia.

Foi para o Japão, onde fazia conferências e lecionava em diversas universidades, escrevia e publicava livros em japonês, em defesa das classes oprimidas. Do mesmo modo que na Índia, foi prêso, espancado e expulso do território japonês.

Convidado pelo govêrno chinês para professor de Esperanto na Universidade de Shanghai, tornou-se íntimo amigo do célebre escritor chinês Lusin que traduziu suas novelas para o chinês.

Era um coração puro e ingênuo, dizem seus biógrafos. Percorreu muitos países pregando seus ideais humanitários e lecionando. Sentia ansiedade por ação e amplidão. Uma de suas novelas chama-se «A Gaiola Apertada» e pinta seu anseio de amplidão.

Lecionou em escolas de cegos no Japão, no Sião, em Birma, na Índia, na Rússia, na Turcomênia. Para assistir ao Congresso Universal de Esperanto na Finlândia, deixou suas funções em Shanghai e veio para Helsinki por via Moscou.

Prêso, espancado, expulso de alguns países, não perdeu nunca o amor à Humanidade. Sua vida de apóstolo inspirado lembra a de Paulo de Tarso, com a diferença que era cego.

Balbina de Morais aprendeu o Esperanto depois de cega, sem livros em Braille, com outra pessoa lendo por ela as lições, e mesmo assim tornou-se culta e entusiasta esperantista, professora em cursos para videntes, organizadora e dirigente da vida associativa. Foi alma e coração do grande Congresso Brasileiro de Esperanto realizado em 1957. Por seu intermédio a Comissão Organizadora recebia constantes inspirações e soluções para os mais delicados problemas. O Presidente da C. O., Dr. Mário Ritter Nunes, declarou num discurso, que a verdadeira organizadora do Congresso do Jubileu de Ouro da Liga Brasileira de Esperanto foi Balbina de Morais.

Com que pese à sua delicada modéstia, Balbina de Morais pode ser incluída entre os cegos geniais pela sua obra espírita e esperantista que excedeu de muito o trabalho dos videntes de sua roda.

Igualmente na música têm havido muitos cegos geniais, alguns dos quais

compreendem que a música lhes vem de fora, por inspiração.

Se o gênio sempre nos revela um espírito superior, reencarnado em missão, e operando como médium da alta esfera espiritual a que êle pertence, no caso do gênio em corpo privado da vista física, essa revelação fica mais compreensível para todos nós.

Sem as luzes do Espiritismo, o gênio cego é um mistério impenetrável.

Em conclusão, cumpre reunirem-se exemplos de gênios cegos para demonstrar que

a) O homem é um espírito que sobrevive à crise da morte, conservando tôdas as suas aquisições morais e intelectuais;

b) O gênio é a reencarnação de um espírito que já fêz grandes aquisições em existências anteriores;

c) O gênio recebe inspirações do mundo espiritual superior, por uma lei de afinidades psíquicas;

d) Mais do que o gênio em corpo normal, o gênio privado da vista nos demonstra as três afirmações precedentes;

e) Sem a filosofia espírita, o cego genial é incompreensível;

f) O cego genial nos demonstra igualmente que o progresso intelectual nem sempre é acompanhado pela perfeição moral e pode ter que passar ainda por duras provas.

Aqui fica o nosso apêlo aos eruditos para reunirem a documentação e nos darem, ao mundo cego, um livro demonstrando que os cegos geniais provam indiscutìvelmente as verdades fundamentais da Terceira Revelação, porque *«Eu vim a êste mundo para um juizo, a fim de que os que não vêem, vejam; e os que vêem, se tornem cegos»* (João, 9 : 39), pois que o mundo materialista está completamente cego de orgulho e é mister que êle veja a Verdade, para sua própria felicidade.

Ismael Gomes Braga

Revides aos Contra-Rebates do Dr. Osmard

VII

Agora, confirmada as nossas acusações anteriores, pelo próprio dr. Osmard, infeliz naquelas suas labilidades do tipo nervoso instável, onde levou os leitores à confusão, já ninguem mais nem de longe estará confiando no seu cientificismo. No entanto, não devemos ser tão pessimistas, pois mesmo agora, no seu artigo,—O Fenômeno Hipnótico —, apresentou algo, cuja conclusão, a hipnose, já de há muito se acha confirmada e divulgada por tantas outras literaturas do gênero. E não fôssem ali aquelas notas ao pé de páginas, onde chama os nossos revides de «piadas», disfarçando o efeito desastroso que êles causam ao seu pretenso cientificismo, nada aqui teriamos a fazer. E já que delas nos vamos ocupar, aproveitaremos a introdução para ligeiros reparos em alguns tópicos do seu trabalho.

Disse em certo trecho ao falar em eletromagnetismo, indução bipolar etc.: «Se alguns dos leitores conhece o assunto, corra, por favor, urgentemente, em favor do sr. Casella.» — Não será preciso. Preferimos aguardar essa aula, do seu compromisso de 15—7—1961, antes que se dê sua retirada. Entretanto, se algo nos vier lhe reenviaremos, para não mais repetir sua confusão entre — tipos: e natureza de radiações eletromagnéticas—, conforme lhe apontáramos na Revista de dezembro último.

Em outra parte insinua: «Reclama provas o sr. Casella...», referindo-se a intervenções cirúrgicas sob hipnose, no que citou vários casos, e ameaçou encher a Revista com outros, se vier ordem do sr. Campêlo. Ora, isso não passa de insinuação, pretendendo fugir do sentido da polêmica, pelo que não se iludam os leitores. Aponte-nos o dr. Osmard onde negáramos os fenômenos da hipnose para que diga deles reclamarmos provas. O que estamos esperando são as suas prometidas provas de que Espiritismo é hipnose, provas que ainda não apresentou. Portan-

to, não se desvie da polêmica, trocando êste assunto por aquêle outro que não está na nossa discordância, discussão, reclamação e que nada diz contra o Espiritismo.

Noutro trecho lê-se: «Já se aproveitou ladinamente o sr. Casella para advertir os leitores que não me entenderão já que eu mesmo me complicarei.» — Com aquelas suas *labilidades* de há pouco já se positivou não se tratar de nossa ladinagem, cuja sua complicação foi muito visível, dispensando-nos mais comentários.

Resumiu também nossas negativas, como se viéssemos dizendo «tudo isso é mentira», quando os leitores bem estão vendo os nossos revides construídos com fatos, onde estamos expondo e desmantelando suas contradições. E gracejou ainda para alguém nos acordar na leitura do seu — O Fenômeno Hipnótico —. De fato, é cansativo ler um autor de pobreza literária que apesar de artigos e obras de títulos diferentes, prima pelas repetições.

Passemos às notas ao pé de páginas.

Nota n.º 1 — Dissemos que nas suas literaturas entremeou os espíritas com as doenças mentais. Para se defender, ao invés de oferecer aos leitores o significado daqueles seus termos psiquiátricos, dirigidos aos adeptos de Kardec, limitou-se em agredir-nos, dizendo: «Não lhes parece um caso típico de esclerose mental?»

Sem dúvida, para o dr. Osmard negar nossa denúncia, com aquêles seus têrmos, alguns dos quais já acusamos na Revista de novembro último, revela-se desentendido em Psiquiatria. Daí seu desespero para arrastar-nos a outros assuntos, provocando-nos de que não sabemos ler nem escrever, que precisamos do dicionário, objetivando torcer-nos para fora dos fundamentos da polêmica, para não revelarmos sua negligência no seu suposto cientificismo, como se mostra em mais êste exemplo: Nós lhe dissemos ter chamado os espíritas de *desequilibrados mentais;* e respondeu-nos (Revista de 15-7-1961) jamais nos ter acusado de *débeis mentais*, quando esta e aquelas entidades clínicas não são as mesmas. Poderia ter sido um descuido, mas como usou a expressão duas vêzes e, ùltimamente, ainda juntou na sua defesa outra forma clínica mais diferente, a *loucura,* confirmou não estar mesmo entendendo o assunto. Pois não está lá, nos seus livros, comprometendo de modo lamentável os diretores de Sanatórios para Débeis Mentais, insinuando de que responsabilizaram os Centros Espíritas, por essa entidade clínica, quando êsses mesmos mestres assim não ensinam? Aí se vê que as ironias do dr. Osmard, acusando-nos ignorância, são tiradas da sua própria inexperiência. Não há dúvida, se soubesse ler o Manual de Psiquiatria não estaria envolvendo, nas suas confusões e contradicões, nomes dignos da gloriosa ciência psiquiátrica.

Nota n.º 2 — Reclamou que de fatos espíritas e de laboratórios por emquanto só falamos em... Nobel (referiu-se a Richet.)—Ora, se o dr. Osmard aqui veio para provar que Espiritismo é hipnose, cabe a nós esperarmos as suas provas. Como ainda nada ofereceu de sua parte, para apresentarmos as nossas como defesa, pois o que trouxe até agora temos anulado dentro do seu próprio campo, não vemos razão para gastarmos chumbo grosso em caça miuda. Contudo, oportunamente, atenderemos sua curiosidade.

Nota n.º 3 — Nós acusamos sua contradição de que no seu — Santos e Demônios — conceituou a afinidade entre histerismo e hipnotismo, enquanto lá no seu Hipnose e Letargia diz o contrário, pela incompatibilidade de ambos.

Defendeu-se com outro assunto, criticando-nos por havermos dito pertencer a sugestão aos domínios da hipnose, quando a hipnose é que depende da sugestão. Mas com isto o dr. Osmard não está se livrando daquela sua contradição. Embora êsse seu recurso ainda seja bem discutível, podendo nós firmar-nos em Forel, não desejamos desviar o nosso objetivo em mira. Pertença ou não a sugestionabilidade aos domínios da hipnose, e até preferimos concordar com a sua opinião, para que não fuja do rumo da nossa conversa, o nosso propósito é apontar a sua divergência.. Para tanto, vamos dá-la como se acha lá no seu Hipnose e Letargia, onde a clareza da contradição revela-se incontornável. Na pág. 58 diz: «A enfermaria de Charcot na Salpêtrière era dedicada ao trato das histé-

ricas. (...) Seus assistentes, voltados para o fenômeno hipnótico, conseguiam induzir a um BOM número de pacientes...»

Veja-se aí, um BOM número de histéricas hipnotizadas indica bons pacientes em hipnose.

Mas logo, algumas linhas adiante, continua: «Como pretender, assim, que hipnose seja sinônimo de histeria se os histéricos são justamente, todos êles PÉSSIMOS pacientes?». (os grifos foram nossos).

Viu a contradição? Ali BONS (compatíveis) e aquí PÉSSIMOS (incompatíveis), pacientes em hipnose.

Ainda, juntou nessa defesa o argumento de que a sugestionabilidade é geral e não um sintoma do histerismo, como disséramos, no que o nosso hipnologista revela-se desconhecer a sugestionabilidade exagerada ou patológica, fora dos limites normais daquela dos mentalmente sadios. Para não irmos além, com Babinsk, vejamos apenas Forel em seu — A Questão Sexual —, pág. 271, referindo-se a certas perturbações pela sugestão: «Não preciso dizer que êstes fenômenos se produzem principalmente nas pessoas de sugestionabilidade patológica ou histérica, ou mesmo exagerada.»

Como vemos, êste estado exagerado de sugestão histérica é de outra natureza, daquela indistinta a todos em geral referida pelo dr Osmard. Uma é patológica, sintoma básico da histeria e a outra seria geral entre os mentalmente sadios.

Nota n.º 4 — Afirma o dr. Osmard que o Espiritismo é hipnose. Reptamos-lhe para apresentar provas de fenômenos de materializações pelo hipnotismo, a exemplo das experimentações mediúnicas de Richet, Crookes e Rhine. Contra-reptou-nos para que apresentássemos as nossas, não percebendo que no nosso repto já lhe adiantáramos o que nos pede, estando nossas provas já bem representadas naquêles três nomes. Ou então, se o dr. Osmard não confia na documentação científica dêsses pesquisadores de capacidade e idoneidade irrefutáveis, neste caso não poderia contentar-se com os nossos elementos doutrinários, uma vez que no seu contra-repto já nos pré-julgou na qualidade de farsantes, prestidigitadores, que precisaríamos passar por exame e fiscalização antes e depois das provas.

Enfim, veja lá no nosso repto que já se acha a indicação do que nos pediu em atraso. E trata-se de documentações literocientíficas muito divulgadas. E pelo que vemos, tendo citado êsses sábios nas suas literaturas, tais provas literárias devem estar lá entre a sua coleção de 3.000 livros. E damos-lhe, mais uma vez, a indicação; — A Grande Esperança, de Charles Richet — e — Fatos Espíritas, de W. Crookes —, ambas à venda, pelo reembolso postal, na redação desta Revista. E ainda — The Reach of the Mind, de J. B. Rhine. Contudo, como ética em melhor favorecer o adversário, oportunamente, publicaremos tópicos, mais em questão, dessas literaturas.

Veja agora se responde ao nosso repto nas mesmas alturas que estamos respondendo ao seu, com indicação e transcrições de provas científicas literárias de autores célebres, como as das nossas documentações. Se não for capaz, então primeiramente desminta a palavra dêsses sábios, para depois manifestar-se sôbre a afirmativa de que Espiritismo é hipnose. Caso contrário, só lhe resta um caminho; capitular nobremente em favor da verdade.

Quanto às notas n.º 5 e 6, referentes à tese do cão de Goltz, de 15-9-1961, poderíamos deixá-las, pois apresentáramos três contra-provas e defendeu-se apenas de duas. Logo, se prevalece uma, a nossa argumentação mantem-se, e o assunto encerra-se com as vantagens para nós. Contudo, vamos atendê-lo.

Nota n.º 5 — Não teria o nosso antagonista se conformado ao ver o absolutismo da sua tese, do cão Goltz, desfeito por uma contra-prova tirada do seu próprio livro, a do macaco de Lhermite, cujo braço do animal entrou em função, apesar de destruida sua zona motora cerebral. E e dr. Osmard pretendeu salvar-se, dizendo: «... um setor cerebral, através da conexão temporária, pode substituir outro setor lesado.»

De fato, mas desde que a lesão não seja cerebral a exemplo da do ma-

caco de Lhermite. Exemplifiquemos o assunto.

Quando o alimento toca a mucosa da boca de um animal (no caso o cão), as suas glândulas estomacais, automàticamente, respondem pelas secreções. O trajeto entre o estímulo e a resposta é o seguinte : — a) o alimento no contato bucal produz uma estimulação mecânica ; —b) o impulso dêste estímulo dirigi-se para o *Centro Motor Salivar* da camada branca cerebral ; — c) daí prossegue para excitar as glândulas estomacais que respondem pelas secreções. A isto se chama arco reflexo incondicionado.

Mas Pavlov, muito bem descrito pelo dr. Osmard, verificou que em um cão treinado pode-se obter essa mesma resposta secretora, através de outras vias, como passamos a ver :—a) um estímulo sonoro (apito, campainha . . .) parte do centro auditivo do animal e vai atingir o seu córtex (camada cinzenta cerebral) ; — b) dêste ponto o impulso excitativo, através de um novo trajeto, a «conexão temporária», atinge o *Centro Motor Salivar* (camada branca cerebral) ;—c) continuando, finaliza a excitação nas glândulas estomacais, que respondem pelas secreções. Agora tivemos o arco reflexo condicionado.

Como vimos, as duas excitações partiram de pontos diferentes,— mucosa bucal e centro auditivo —, mas ao atingirem a camada branca cerebral foram obrigadas a passar por uma mesma via, o *Centro Motor Salivar*. Logo, na hipotese de que se destrua esta passagem única, trajeto obrigatório das duas excitações, estas não alcançariam as glândulas estomacais que, neste caso, ficariam paralisadas.

Pois bem. No caso do macaco de Lhermite, a zona motora cerebral destruida, responsável pela função do braço do animal, paralisado e depois movimentado, corresponde à mesma do exemplo acima, do *Centro Motor Salivar*. Ora, com tal destruição, a fisiologia normal orgânica não explica o movimento inesperado do braço do macaco, nem mesmo pela «conexão temporária», como pretendeu o dr. Osmard. Assim, a sua própria apresentação, do macaco de Lhermite, continua valendo como contra-prova da sua tese do cão de Goltz.

Na nota n. 6 diz o dr. Osmard que do caso, por nós citado, do indivíduo ferido no cérebro por um estilete, sem ter perdido a razão, um cirurgião português criou a lobotomia pre-frontal.

Mas são justamente essas cirurgias, como êsse sucesso do nobre médico, dr. Egas Moniz, de Lisboa, que vem demonstrando não haver o absolutismo do cérebro. tal qual se julga pela tese do cão de Goltz. Leia-se do sr. Imbassahy, — Lesões Cerebrais— (dez. ult.), a opinião do ilustre médico patrício, dr. Leonidio Ribeiro, e veja-se que a própria ciência já reconhece não ser a ausência cerebral fator absoluto para paralisar a função mental.

Convém o dr. Osmard, para melhor compreender êsses assuntos, deixar as antiguidades seculares e melhor estudar as atualidades. A ciência, ùltimamente, avançou muito.

E até maio, se Deus quizer.

V. O. Casella

Caixa Postal 153 — Araraquara
Est. de São Paulo

AVISO

Avisamos aos nossos prezados assinantes que, em virtude das férias regulamentares que vamos conceder ao pessoal das oficinas, a edição do próximo mês desta Revista, sairá juntamente com a edição de Maio.

Sob a Inspiração do Evangelho

A Juventude Espírita do Centro «Bezerra de Menezes do Andaraí», é constituida, em sua grande parte, de jovens estudantes, seja dos cursos ginasial, clássico e científico, seja de cursos superiores de engenharia, medicina, etc.

Realizam êsses jovens estudiosos as suas reuniões semanais de estudo do Espiritismo, aos sábados (anteriormente, aos domingos), sendo orientados pelos drs. Lauro de Oliveira S. Thiago, médico e professor de Química e Matemática, e Sylvio Lôbo de S. Thiago, engenheiro civil.

No último sábado, 7-10-1961 a reunião costumeira foi consagrada a uma demonstração científica dos princípios fundamentais do Espiritismo, realizada pelo segundo dos diretores acima citados.

Numa exposição clara e atraente do interessante assunto que se dispôs a tratar, na oportunidade, o dr. Sylvio, baseado nas obras do comandante Armond, de André Luiz e do professor Pietro Ubaldi (A Grande Síntese), apresentou aos jovens estudiosos do «Bezerra de Menezes» um grande quadro sinótico, por êle organizado, sob o título sugestivo de CONSTITUINTES DO UNIVERSO, por meio do qual pôde fazer uma demonstração das origens do universo material, que se encontram no *fluido cósmico,* até as últimas conseqüências providenciais da sua formação e da sua evolução, que vêm a ser a individualização do Espírito, culminando no homem.

Precedendo essa feliz exposição doutrinária, baseada nos dados da ciência oficial, iluminados pelo Espiritismo, discorreu o dr. Sylvio sôbre a existência de Deus, a respeito da qual afirmou, com tôda propriedade, que é a mesma baseada em razões essencialmente científicas, porquanto essas razões se firmam no princípio científico incontestável de que *não há efeito sem causa,* bem como na Revelação, pois que esta foi feita à humanidade por Espíritos Superiores que vieram falar aos homens em diferentes épocas da História, devendo-se acentuar a que foi feita a Abraão, a Moisés e, por último, pessoalmente trazida por Jesus, que é o governador do nosso planêta.

De tudo quanto ouvimos, naquela instrutiva tertúlia da juventude espírita do «Bezerra de Menezes do Andaraí», que vai, assim, sob a orientação dos seus dois orientadores citados, fazendo sua iniciação na Doutrina Espírita, concomitantemente com a cultura científica que lhe vai sendo ministrada nas Escolas, uma promissora intuição da verdade, no que concerne à Criação, que é o eterno enigma do Universo, nos foi possível estereotipar em nossa mente, pouco trabalhada, é certo, pela admirável cultura científica desta grandiosa fase do progresso humano, mas adstrita, mesmo assim, à obra construtiva de elaborar idéias sôbre os grandiosos problemas da vida e dos destinos do homem, à luz brilhante dos ensinamentos espíritas. Essa intuição pode resumir-se numa síntese, em que formulámos uma conjectura despretenciosa da criação dos mundos, com base nos dados que a investigação científica tem podido proporcionar à inteligência humana.

Á proporção que íamos ouvindo o expositor da Doutrina, fomos considerando, de envôlta com as razões científicas invocadas, as expressões bíblicas sôbre a criação do homem, que se encontram em Gênesis, II-7: «*Deus finxit corpus hominis e limo terræ: dedit illi animam viventem; fecit ilum ad similitudinem suam...*» cuja tradução é a seguinte: «E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra, e soprou em seus narizes o fôlego da vida: e o homem foi feito alma vivente.» Juntamente com essas expressões soavam aos nossos ouvidos as palavras de João, em seu Evangelho, citadas na ocasião pelo dr. Sylvio: «No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.» (João, I-1) — e formulámos então a seguinte hipótese, em forma de síntese, da Criação: O Pensamento de Deus, num ato sublime de Amor, comunica a uma parcela do Cosmos a Vida, êsse atributo divino, contendo a gênese do Es-

pírito, pondo assim em movimento um setor limitado do Universo. E a nebulosa tem o seu nascimento, segue o curso do seu desenvolvimento, conforme nos permite conhecer a plausível conjectura científica de Laplace, desenvolvida por outros sábios de renome universal. Difuso o Espírito nos mundos que se formam, aguarda êle a sua propícia manifestação nas formas materiais que vão começar a revelar-se, gradativamente, através dos reinos mineral, vegetal e animal, iniciando-se, num dado momento, o processo da sua individualização, momento que não nos é dado conhecer, mas que se pode conjecturar tenha seu cabimento nas incipientes cristalizações minerais, estando bem caracterizada essa individualização nos reinos vegetal e animal, culminando o processo evolutivo no homem, pois aí adquire o Espírito a capacidade de desligar-se da matéria, para prosseguir em sua evolução no mundo espiritual, que é o mundo das causas, até integrar-se em Deus, quando atinge a completa perfeição. Desempenhado todo êsse imenso processo evolutivo, os mundos materiais, tendo esgotado todo o manancial de vida que Deus lhes atribuiu, naquêle sôpro divino, obscurecem e morrem, desfazendo-se desta ou daquela maneira, para que os seus elementos vão se prestar a outras formações de galáxias, no curso dos evos incontáveis...

Oh! visão maravilhosa da Criação de Deus, que à minhalma pôde apresentar-se em uma abençoada reunião de jovens companheiros que nos terão de suceder nas lidas gloriosas em pról da difusão dos princípios espíritas, norteados pela bussola insubstituível do Evangelho, em que vive e palpita a sabedoria repleta de Amor e de Luz, de Nosso Senhor Jesus Cristo! Eu te bendigo, hora tranqüila da minha vida de lutas, em que, ao lado de tantos jovens, alguns dos quais netos meus, pude ouvir o palpitar dêsses amigos corações que nos iniciam no conhecimento de Deus, segundo o alcance da nossa mente, em mim ainda tão rudimentar, mas plena de convicção e de fé!

Philemon

Um Artigo sôbre Zöllner

Deolindo Amorim

MUITA gente sabe que João Carlos Frederico ZÖLLNER, além de experimentador espírita, do que deu provas muito concretas, era um cientista de projeção, especialmente nos domínios da Astronomia e da Física. Existe, em português, um livro de Zöllner, intitulado *Física Transcendental*, que já é, por sua vez, o 3.º volume de uma série de trabalhos, reunidos sob a denominação geral de «Tratados Científicos.» Ao oferecer os seus *Tratados* a William Crookes, Zöllner escreveu uma dedicatória muito afetuosa, começando com as seguintes palavras: «*Com o mais alto sentimento de gratidão e reconhecimento, pelos serviços prestados por vós a uma nova ciência, eu vos ofereço, respeitabilíssimo colega, o terceiro volume dos meus «Tratados Científicos». Por uma coincidência notável* — continua a dedicatória de Zöllner — *as nossas investigações científicas encontraram-se no mesmo terreno, fornecendo à humanidade, admirada, uma nova classe de fenômenos físicos, que proclamam bem alto e de um modo não mais duvidoso a existência de um outro mundo material de sêres inteligentes.* Logo adiante, exaltando o esfôrço de Crookes e lamentando a incompreensão dos contemporâneos, Zöllner deixava sair da pena estas palavras de ternura e solidariedade para com o outro grande cientista, que era inglês, enquanto êle (Zöllner) era alemão: *Sôbre vós, também, a ingratidão e o ridículo têm sido atirados, com a máxima liberalidade, pelos cegos representantes da ciência moderna e pelas multidões, mal guiadas, pelos seus ensina-*

mentos. A vossa coragem, a vossa penetração nas investigações e a vossa incomparável perseverança vos erigirá um monumento nos corações agradecidos da posteridade, indestrutível como os mármores das estátuas de Westmisnter. Eis, aí, uma página admirável, não só pelo seu profundo sentido emocional, como também pelo seu alto senso de justiça. Vê-se, por aí, que nem todos os homens de ciência são *frios* ou têm a alma sêca, como geralmente se diz. Zöllner, que era, pela sua formação, um homem de laboratório, deixa extravasar uma série de conceitos em que a nota emotiva chega a dar a impressão de alguém, que fala mais pelo coração do que pela inteligência. Enquanto os homens tanto se odeiam e se dividem no campo da política ou dos interêsses materiais, a Ciência colocando-se acima dos homens e das doutrinas, serve de traço de união entre as grandes idéias, a despeito de tôdas as fronteiras geográficas e todos os conflitos internos e externos. Leiamos, por exemplo, o tom fraternal destas palavras, na saudação de Zöllner a William Crookes: *Aceitai, pois, a presente obra, como sinál de agradecimento e simpatia, vertido do coração honesto de um alemão.* E ainda mais: *Se algum dia, o ideal de paz universal fôr realizado, será, indiscutivelmente, o resultado não de discursos e de agitações políticas, das quais sempre a vaidade humana exige o seu tributo, mas, sim, do progresso dos conhecimentos científicos, pelo que teremos de agradecer a verdadeiros herois, como Copérnico, Galileu, Kepler, Newton, Faraday, Wilhelm Weber e vós!...* Palavras ainda atuais. (Isto foi escrito em 1879). Enquanto certos escritores e até mesmo alguns homens de ciência, por vaidade e egoísmo, procuram sempre *apagar* o mérito alheio, usando todos os expedientes para evitar que os outros também *apareçam* ou se tornem muito conhecidos, vemos um homem da estatura moral e científica de Zöllner fazer um dos maiores elogios escritos a William Crookes, que não era seu compatrício e, sendo também cientista, poderia inspirar-lhe certa dose de desconfiança, com receio de concorrência na disputa das glórias terrenas. Isto, porém, não se deu entre Zöllner e Crookes, porque as almas nobres, mas verdadeiramente nobres, sem qualquer mácula de farisaismo, não têm prevenções nem cultivam recalques. A Ciência também faz os homens humildes, e uma das provas de humildade, mas humildade real e não artificial, é reconhecer o valor dos outros sem constrangimento, sem disfarces. Belo e edificante, portanto, o procedimento de Zöllner em relação a Crookes.

Em *Física Transcendental,* que já foi um livro muito citado, Frederico Zöllner relata as suas experiências com o famoso médium Slade, cujas faculdades foram submetidas ao mais rigoroso espírito científico. Justamente por isso mesmo é que não vamos tratar, aqui, das experiências de Zöllner, embora sejam muito importantes, uma que se trata de material muito conhecido e já bastante divulgado na literatura espírita e metapsíquica. O que nos interessa, agora, é apenas o pronunciamento de TOBIAS BARRETO, uma das grandes figuras da *Escola do Recife,* a propósito do falecimento de Zöllner, em artigo publicado no velho *Diário de Pernambuco,* em 1882. Convém dizer que o artigo de Tobias, verdadeira e criteriosa apologia da obra e do talento de Zöllner, foi incluido, mais tarde, no volume denominado «Estudos Alemães», da coleção de *Obras Completas* de Tobias Barreto, publicadas por iniciativa do Govêrno de Sergipe, há quase quarenta anos. Antes de reproduzir alguns tópicos dêsse artigo histórico, devemos prevenir que Tobias Barreto, ao que nos consta, pelo menos até agora, nada tinha que ver com o Espiritismo, pois era tido, até, na conta de um cético e demolidor sistemático. Se, no entanto, não se manifestou a respeito do Espiritismo, teve a honestidade intelectual de citar as experiências de Zöllner com Slade. É nisto simplesmente que está o interêsse do artigo de Tobias Barreto, pois Zöllner não era muito conhecido dêste lado do Atlântico, principalmente por causa da língua alemã, que não tinha, nem podia ter a mesma penetração do *francês* no Brasil.

Tobias Barreto de Menezes, nascido em Sergipe, fêz a sua carreira em Pernambuco. Foi tudo quanto um homem de aspirações intelectuais pode desejar dentro do ambiente provinciano: Professor de Direito, e dos mais falados de seu tempo; polemista temível, chegando a ser

agressivo, conforme as circunstâncias; jornalista, crítico, jurista revolucionário e também poeta. Tobias foi tudo, portanto, na vida intelectual. Como poeta, foi um dos rivais de Castro Alves, no tempo em que as musas faziam duelo... Que era um homem de talento invulgar, não há dúvida alguma. Talvez por causa disto, pois o talento sempre dá o que falar, Tobias foi também um dos homens mais discutidos no Brasil. Teve os seus discípulos, seus seguidores incondicionais, quase fanáticos, e teve os seus opositores frontais, no tempo em que Pernambuco era uma espécie de «barril de pólvora» onde ferviam tôdas as idéias revolucionárias que vinham da Europa. Há, por exemplo, quem considere Tobias Barreto um gênio dos mais autênticos, mas também não falta quem diga, ainda hoje, que o vigoroso polemista sergipano era apenas um espírito irrequieto, que gostava de ler muito, mas pecava por ser dispersivo em tudo por tudo... Já houve, até, quem insinuasse coisa muito pior, dizendo que Tobias tinha mais fama do que profundidade, era um homem cheio de complexos, que viveu a vida inteira querendo demolir, e nada mais!... Outros dizem, e com autoridade, que Tobias foi um legítimo renovador da cultura jurídica no Brasil.

Os homens notáveis geralmente estão sujeitos a julgamentos contraditórios. Dos grandes homens sempre há o que dizer, de bem ou de mal. É uma conseqüência da notoriedade humana, como no caso de Tobias Barreto. Houve, no Brasil, um movimento intelectual, que se chamou a *Escola do Recife*, e teve o seu foco principal na antiga Faculdade de Direito de Pernambuco. Ali, naquela forja nordestina, se discutia e criticava tudo: *Positivismo, Evolucionismo, Darwinismo, Ecletismo*, tôdas as correntes científicas e filosóficas, tivessem o nome de Comte ou de Spencer, de Lamenais ou de Cousin. É numerosa a plêiade dos astros que fulguraram na *Escola do Recife*: Tobias, Silvio Romero, Laurindo Leão, Epitácio Pessoa, Clovis Bevilaqua e tantos e tantos outros brasileiros ilustres.

Tobias Barreto destacou-se principalmente por causa do *germanismo*. Homem de caprichos, e de quem se diz muita coisa curiosa, inclusive até alguma anedota pitoresca, Tobias entendeu de aprender alemão e chegou a dominar o idioma de Goethe, o que, sem dúvida, era um motivo de espanto no Brasil daquêle tempo. Dizem que uma das vaidades de Tobias era dizer que não lia traduções, porque sabia ler no original. Gabava-se de haver introduzido o *germanismo* na literatura brasileira e não abria mão desta primazia. Tendo mantido correspondência freqüente com juristas e filósofos alemães, ficou muito impregnado da cultura germânica, o que deu motivo à ironia de Carlos de Laet, quando chamou o grupo de Tobias *escola teuto-sergipana* (teuto, por causa da Alemanha, e sergipana, porque Tobias era de Sergipe). Tobias respondeu com a mesma moeda, batizando o grupo de LAET de escola *galo-fluminense*, alusão à Gália (França), e fluminense (Rio de Janeiro). Seja como fôr, o certo é que foi Tobias, inegàvelmente, quem lançou determinados autores alemães no Brasil. Vinculado intelectualmente à Alemanha, cujo pensamento absorveu muito, Tobias hostilizou a influência francêsa, numa época em que uma parte da sociedade brasileira «pensava e vestia pelos figurinos que vinham da França». Outra particularidade na vida de Tobias Barreto: fazia questão de não sair do Recife, e dizem que nunca veio ao Rio de Janeiro. Por falta de oportunidade? Não. Simples questão de capricho: nunca se afastou de seu reduto intelectual, no Recife, porque não precisava beber cultura na Côrte!... É o que se diz. Será verdade? Comunicava-se com o Velho Mundo, correspondia-se com os maiores vultos da literatura, da filosofia e da cultura jurídica da Alemanha, mas sempre no Recife, nada de viagem à Europa ou a qualquer outra parte do mundo, justamente para não dizerem, algum dia, que foi receber luzes do outro lado do Atlântico. Tobias era assim mesmo. Pruridos de chauvinismo? Não, o que êle tinha, ao lado de muita cultura e coragem intelectual, era uma esquisitice muito comum nos homens de grande talento. Por causa do contacto com a cultura alemã, alimentou fortes prevenções contra a importação das idéias francêsas. E tudo isto, sem sair do Recife, de onde pontificava nos estudos filosóficos e jurídicos, olhando o resto do Brasil e a Europa a grande distância. Há quem o aponte como genuíno filósofo,

embora êle próprio tenha considerado o tipo brasileiro uma das maiores negações para a Filosofia. Seja como fôr, a verdade é que Tobias Barreto venceu tôdas as barreiras de sua época, dentro de uma sociedade em que predominava a tradição da *Casa Grande* e dos requintes aristocráticos, como bem descreve Gilberto Freyre.

Muito influenciado pelos autores alemães, talvez venha daí a sua simpatia pela obra científica de Zöllner. Note-se, por exemplo, que, ao começar o artigo sôbre o falecimento de Zöllner, frisou logo que se tratava de um homem, *cujo renome, estendendo-se por todo o mundo científico, não pôde chegar até nós com o mesmo brilho, com que se fêz algures admirar. Devido talvez à especialidade do seu gênio, senão antes à imensa distância que nos separa de um sábio de seu talento.* De fato, Zöllner, àquele tempo, era muito pouco divulgado no Brasil, pois a literatura mais corrente em nosso meio era, em tudo por tudo, a francêsa, o que não agradava, de forma alguma, ao germanismo de Tobias. Dizia, em seguida: «Frederico Zöllner nasceu em Berlim a 8 de novembro de 1834. Depois de feitos os seus estudos preparatórios, cursou as Universidades de Berlim e Basiléia, onde entregou-se *(sic)* ao estudo de física, votando-se particularmente à fotometria astronômica». «..... Zöllner foi também um dos primeiros que puderam ver as protuberâncias do sol no seu maior brilho, em tôda a sua forma... No ano de 1866 foi nomeado professor extraordinário na Universidade de Leipzig e encetou a sua sua tarefa docente com uma importante preleção sôbre *A significação universal dos princípios mecânicos.*» Referindo-se, no mesmo artigo, ao livro de Zöllner, sôbre *A Natureza dos Cometas*, Tobias emitiu o seguinte juizo: «Êste livro fêz época no mundo científico, não talvez pela doutrina astronômica nêle contida, mas pelas excursões do autor no domínio da história e da teoria do conhecimento. Aí, Zöllner atacou de um modo brusco mais de um sábio da atualidade; particularmente, Tyndall foi tratado com a maior aspereza». (Não nos esqueçamos de que êsse artigo foi publicado em 1882).

Quanto às experiências mediúnicas de Zöllner, Tobias Barreto fez uma referência lacônica, é certo, mas honesta: *Outros trabalhos de Zöllner acham-se publicados numa série de volumes; é onde êle dá conta de experiências feitas em companhia do americano Slade, as quais grangearam nomeada até nos círculos mesmos, que talvez nunca ouvissem falar de suas indagações astrofísicas.* Isto nos leva a admitir que Tobias Barreto conhecia a *Física Transcendental* de Zöllner, naturalmente em alemão, porque era o seu feitio procurar os assuntos nas fontes originais. Além do mais, a tradução brasileira, de T. Williams, e que já vem de uma edição inglêsa, é de 1908, quando Tobias há muito tempo já não pertencia a êste mundo. É interessante observar que o tradutor fala na desencarnação de Zöllner, empregando a expressão *recentemente falecido*... Recentemente, em 1908? O fato é de 1882, e não podia ser mais *recente* em 1908, vinte e seis anos depois.

Vejamos, agora, como Tobias Barreto rematou o seu notável artigo sôbre Zöllner: *Eis o homem que a ciência acaba de perder, e em cujo túmulo poder-se-ia deixar escrito o que Newton afirmou a respeito de Cotes: muito teríamos ainda que aprender se êste homem vivesse por mais tempo.* Pois bem, êsse homem invulgar, por todos os títulos eminente, e que mereceu de um espírito crítico, como Tobias Barreto, um elogio tão merecido, tão exato, forma na galeria de Crookes, Aksakof, Flammarion, Delanne, Gibier, Geley e outros homens de ciências, cujos nomes enriquecem a história do Espiritismo. Afirmam, contudo, algumas fontes respeitáveis que o médium Slade, depois dessa fase marcante, cometeu discrepâncias gravíssimas, caindo em decadência moral e psíquica. São fraquezas humanas, a que muitos médiuns infelizmente não podem resistir. Os trabalhos de Zöllner, no entanto, se revistiram de todo o rigor científico. Seu livro é, sem dúvida um dos maiores documentários de fenômenos objetivos. Para um homem como Zöllner, afeito à exatidão e ao trato com a Ciência, o Espiritismo é assunto sério, e por isso lhe mereceu um estudo especial e valioso. A opinião de um Zöllner, portanto, tem muito mais pêso, para os créditos do Espiritismo, do que as objurgátórias de uma legião de *críticos* superficiais.

Instituto de Cultura Espírita do Brasil

Aula Inaugural — Programa de 1962

Tendo terminado o seu período de férias, o **Instituto de Cultura Espírita do Brasil** reiniciou as suas atividades com a aula inaugural, no dia 10 de fevereiro, sábado, às 17 horas, no auditório da ABI (Associação Brasileira de Imprensa), rua Araújo Porto Alegre 71, Rio de Janeiro. Convidado pela Diretoria do Instituto, o nosso confrade Prof. Rubens Romanelli, de Belo Horizonte, veio ao Rio especialmente para pronunciar a aula inaugural, cujo tema, escolhido pelo conferencista, foi o seguinte: **O Conceito Espírita de Evolução Bio-Psíquica.** O Prof. Romanelli é um propagandista espírita muito conhecido e apreciado pela sua cultura e pelo seu idealismo. É professor da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais.

As aulas normais do Instituto, com freqüência livre, como sempre, terão prosseguimento a partir do dia 17, das 16 às 18 horas, na rua dos Andradas 96 — 12.° andar.

PROGRAMA DAS MATÉRIAS

São as seguintes as matérias que vão ser dadas no corrente ano:

Interpretação Doutrinária (Aplicação de princípios de hermenêutica ao estudo da Doutrina Espírita) — Cel. Delfino Ferreira;

A Reencarnação na Filosofia Antiga (Desdobramento da História da Filosofia, dada no ano passado) — Prof. Newton de Barros;

Características da Doutrina Espírita — Deolindo Amorim;

Teoria Geral do Animismo (Visão geral dos fenômenos anímicos, seu mecanismo, sua importância para o conhecimento do Espiritismo, suas variações, etc.) — Dr. Lauro São Thiago;

História da Educação — Prof. José Jorge;

Elementos de Biotipologia — Dr. Túlio Chaves;

Noções de Geografia Humana — Marechal Mário Travassos.

Entre as matérias novas, e que fazem parte da cultura geral, mas interessam ao estudo regular da Doutrina Espírita, figuram as seguintes: **Biotipologia** e **Geografia Humana.** A **Biotipologia** estuda os tipos morfológicos e, por isso, foi incluida, êste ano, no programa do Instituto, justamente porque o estudo dos tipos morfológicos pode ser desenvolvido com conhecimento da reencarnação e do perispírito. As escolas científicas não conhecem o perispírito, nem sequer têm uma idéia da influência que pode ter a reencarnação nas diferenciações dos tipos humanos. Quanto à **Geografia Humana,** existem, tanto no **Livro dos Espíritos,** como na **Gênese,** diversos pontos inerentes à Geografia: relação do homem com o meio, influência do meio físico na vida psíquica, raças humanas e sua distribuição na Terra etc. Todos êsses problemas, que estão no corpo da Doutrina, são problemas de natureza geográfica, especialmente enquadrados na Geografia Humana. Até que ponto o meio físico pode exer-

cer influência sôbre o homem? De que modo pode o homem modificar o meio? Até que ponto o meio concorre para a evolução do homem, no plano biológico e no plano espiritual? Tais problemas fazem parte da Doutrina, mas podem ser mais bem esclarecidos se fôrem estudados com certo conhecimento de Geografia Humana. Foi justamente por isso que o Instituto de Cultura Espírita do Brasil, cujo escôpo é estudar a Doutrina Espírita em cursos regulares, de caráter público, resolveu introduzir a Geografia Humana no programa dêste ano.

Hipnose e Espiritismo

Osmard Andrade

VIII — O FENÔMENO ESPÍRITA

A segunda maneira pela qual se produz a indução hipnótica — vínhamos dizendo ao fim do capítulo anterior — é aquela onde os estímulos indiferentes, tornados absolutos ao nível do nosso segundo sistema de sinais, nascem dentro de nós mesmos. São os estímulos internos ou interoceptivos, prática que caracteriza a auto-hipnose e a incorporação espírita.

Qualquer pessoa que trabalhe com hipnose e que seguidamente induz a sono em três ou quatro pacientes, pela estimulação de sua própria voz, acaba sofrendo o efeio da inibição e sente sôno. Trata-se de uma auto-indução. Da mesma maneira quem quer que se deixe levar pela influência do seu próprio pensamento, pode vir a representar concretamente as vizualizações das imagens pensadas. É prova comum em trabalhos de hipnose: o operador faz desencadear o sono em seu paciente por um sinal endógeno: em determinado momento o paciente imagina que está diante do operador, crê ouvir a sua voz, julga sentir o contato de sua mão e entra em sono. E o pensamento do paciente tornando concretos e reais o falar do operador, o tato e a presença do mesmo faz desencadear o jogo inibitório que o conduz ao estado do sono.

Já imaginou ou já percebeu, melhor dizendo, o leitor, que nós pensamos prevalentemente por palavras? É capaz o leitor de formular um pensamento sem o uso da linguagem falada mentalmente? E já terá percebido o leitor que o pensamento é um arco reflexo ao qual está faltando o último elo, o da ação? E que esta ação que está faltando é a verbal? Quem pensa, fala sem emitir sons. Fala calado. Fala para dentro de si mesmo. Mas fala. E fala em sua lingua. Nos termos que lhe são próprios e familiares.

Se o nosso segundo sistema de sinais — sistema que caracteriza tôda a atividade nervosa superior — pode tornar real a verdade concreta que no conceito da palavra se contém, materializando a imagem verbal; se no homem já não é preciso o efeito físico da palavra escutada para fazer desencadear uma resposta física e já lhe basta a palavra lida, o objeto visto que aquela palavra representa e a própria palavra pensada, claro está que a partir de um pensamento figurado ou verbal pode também se desencadear uma sinalização de primeiro, segundo ou terceiro gráus, todos com o mesmo efeito prático na resposta orgânica.

Alguns leitores interromperão agora a leitura e dirão a si mesmos: mas isso é hipnose, espiritismo ou autosugestão? Parece estar havendo alguma confusão.

Penso que não. Conversemos um pouco sôbre o que seja a sugestão. Explica-se por sugestão o ato de incutir no cérebro de outrem, idéias nossas, fazendo com que tais pessoas acatem e façam suas as nossas opiniões. *Gindes*, conhecido hipnologista, afirma que a sugestão hipnótica é o processo de al-

terar controladamente as ações e as reações humanas através de pensamentos, objetos e ações. Por outro lado, podemos aceitar como auto-sugestão a retenção no cérebro, voluntàriamente, de uma idéia ou conceito, levando-os a alterar de algum modo as funções mental e corporal; a reprodução, no cérebro, de impressões prèviamente recebidas que se convertem no ponto de partida de novas idéias e novos conceitos.

Se eu digo a um paciente em hipnose que seu braço está ficando pesado, que parece chumbo, que agora é impossível movê-lo, eu estou sugerindo ao meu paciente tal idéia. Minha palavra, pelo conceito que veicula, realiza na mente do meu paciente o pêso do chumbo, a impossibilidade de mover o braço. Por mecanismo já conhecido dos senhores. Se, porém, o meu paciente acaba de almoçar e vai tomar banho, e se lembra que lhe disseram que «faz mal» tomar banho depois do almoço, que «não-sei-quem» fez isso e teve congestão, que talvez «eu não devesse ter feito isso», se «quem sabe se isso é verdade?» e não consegue deslocar o seu pensamento dessa idéia, não demorará muito a perceber «uma coisa estranha», que antes não estava sentindo aquilo, que «quem sabe se não estou me sentindo mal?», e etc., etc.. E não será muito difícil apressar o banho «por não estar se sentindo bem». Acham sinceramente que isso é fantasia minha?

Vou contar-lhes uma história, colhida em *Bernard Gindes:* um inspetor de alunos, odiado por êstes, foi vítima de uma cruel vindita. Levantaram no páteo da escola uma imitação de guilhotina, capturaram o inspetor, vendaram-lhe os olhos, ataram-no ao patíbulo e entraram a discutir sôbre quem o executaria. Por fim, escolhido o carrasco um dos alunos determinou a execução, outro imitou com instrumentos metálicos o despregar da faca, um terceiro bateu com o borda da mão no pescoço da vítima. E esta morreu instantâneamente. Porque? O homem sabe que é merecedor das sanções punitivas dos seus observados e por isso está apavorado. Conhece-lhes o ódio e não ignora que o castigo é possível e até merecido. E' então agredido e subjugado. A sua sujeição ao patíbulo desenha-lhe no cérebro a imagem da guilhotina. Sente o cêpo sob o pescoço, ouve as vozes iradas e mal intencionadas de seus inimigos, *sabe*, por já ter ouvido ou *por imaginar,* o ruido característico que faz a lâmina do instrumento ao desprender-se; *sabe* para onde se encaminha a navalha e que é o seu pescoço; *sabe* que do corte resultará a decapitação e a morte. Tais imagens estão tôdas vivas e atuantes em seu cérebro. E potencializadas pelo medo que é um fator de sôbre-excitação. Seu analisador cutâneo (já estudamos isso) ligado à região da nuca, por super-excitação sensorial, cria um fortíssimo foco de irradiação da excitação em seu córtex. Há uma enérgica inibição em todo o resto do seu cérebro por concentração da atenção (também já estudamos isso). O foco excitatório principal, por inibição difusa, liga-se a todos os outros setores do cérebro e abaixo dêle. Há um comando vigil poderoso através de um arco reflexo predominante (e também já lemos sôbre isso.) E eis que repentinamente sente o bater da «faca» no pescoço. Pelo arco reflexo condicionado desencadeia-se instantâneamente a resposta motora. Hétero-sugestão a princípio, auto-sugestão depois. Se se trata principalmente de um indivíduo do tipo nervoso *débil, desiquilibrado* e *instável,* com forte predominância dos processos de inibição, que mais lhe falta para morrer?

Assim é a auto-sugestão, reflexo condicionado de origem interoceptiva e que a partir de um pensamento verbal ou figurado, desencadeia uma resposta correlata à imagem concebida.

Assim é a auto-hipnose. Assim é a hipnose. Assim é a auto-sugestão.

E que fenômenos permite a hipnose? Oh! que mundo dêles. Em suma, podem-se obter pela hipnose todos ou quase todos os atos mecânicos, motores e fisiológicos, e uma série também não pequena de inversões da realidade, de alucinações, de sôbre-excitações, como já vimos. A anestesia, a catalepsia, a fala automática, a escrita automática, a insensibilidade. Tudo isto é muito mais podendo ser obtido tanto a partir da hipnose hetero-conduzida como da auto-hipnose.

E que acontece na incorporação mediúnica senão exatamente isso?

Já disse várias vêzes e não é demais repetir: jamais duvidei do fenô-

meno espírita; a interpretação é que é outra. Se alguém me diz que um aparelho de rádio fala, eu acredito. Já me cansei de escutá-lo. Mas se o sr. Casella quiser convencer-me de que o rádio fala porque lá dentro há um grupo de pessoas falando, aí eu protesto. Isso não é verdade. O mecanismo é outro. Dá-se o mesmo no transe espírita.

Escreveu o sr. Carlos Imbassahy no seu «Sessões, Médiuns e Débeis», II, revista 2, Ano XXXVII, pg. 31 : — «A concentração mental—*transcrevendo-me* —a palavra de um presidente de sessão, uma oração, uma voz pausada, ritmada, débil; o pensamento num guia, uma entidade sobrenatural, num foco de excitação permanente e forte. Temos aí perfeitamente caracterizados o rapport, o foco de excitação inicial, um pensamento verbal ou figurado, a sinalização por condicionamento do segundo grau, pelo exemplo, pelo pensamento, numa sobrecarga sinalizadora.—E acrescenta depois da transcrição : — Isto dito assim é para se temer. VALIA A PENA, SE FÔSSE POSSÍVEL, QUE O AUTOR EXPLICASSE O QUE É AQUILO. —No terceiro artigo da mesma série, revista 3/4, pg. 58, continua o ilustre colaborador da RIE : — «Não há negar que o distinto facultativo se rodeia de uma cinta de arame farpado que são os têrmos científicos e diante dos quais o espírito leigo se vê espetado : e aí temos a sinalização por condicionamento no segundo grau, a instabilidade dos entrechoques excitatórios, o córtex cerebral dominado por uma indução recíproca violenta e intempestiva... tudo isso nos dá idéia de coisa grave, de perturbação profunda naquêles que ousam navegar por entre os parcéis das sessões espíritas... Já que não penetramos na rêde defensiva dos têrmos por trás da qual se fortifica o douto patrício, procuraremos...»

Queixava-se o sr. Carlos Imbassahy que não me compreendia o palavrório e que eu me cercava de uma rêde de arame farpado fisiológica. E que valia a pena que se explicasse o que aquilo era. Creio que a esta altura dos nossos comentários, já está bastante explicado o que aquilo é. E que não representa nada assim tão grave, porque natural e fisiológico.

O médium é, em princípio, um bom «sujet» hipnótico. E é de todos sabido que nem todos os espíritas conseguem «receber». Há mesmo sessões de «desenvolvimento» para obter algo dos menos sensíveis. Alguns pelejam a vida tôda e não conseguem ultrapassar a fase dos «rabiscos». Já começa por aí a seleção dos bons pacientes. Não basta ser crente, acreditar no espiritismo, desejar reproduzir os fenômenos de incorporação para que tal aconteça.

E o que se entende por um bom paciente em hipnose? Já estudamos os tipos nervosos à luz dos conhecimentos reflexológicos. Valeria a pena voltar à história dos tipos débeis, desequilibrados e instáveis? Não, por favor. Mas qualquer escala de suscetibilidade nos mostra que pouco mais de 90 % das pessoas são suscetíveis à sugestão, mas em grau variado, e que destas, perto de 25 % atingem o sonabulismo. Aí, estão os bons médiuns.

Depois a crença, a fé, o desejo sincero de submeter-se. Aí está um excelente condicionamento de primeiro grau. Mais tarde, a visão do que ocorre com os outros, o exemplo. Eis aí um condicionamento de segundo grau.

Tudo isso num ambiente adequado. A meia luz, o silêncio, a estimulação bébil, altamente sinalizadora, a palavra — A PALAVRA — de um condutor, a prece, a corrente mental. Tudo isso criando no cérebro dos participantes um foco ativo de atenção com a inibição decorrente que isola grande parte do córtex cerebral e aumenta a receptividade de uma zona de ligação com o ambiente. Sempre o pensamento — A IMAGEM VERBAL OU FIGURADA — voltado para um guia, uma entidade a quem se procura receber, o estímulo indiferente que se tornará absoluto por um arco reflexo temporário. A partir de um certo momento — a chamada fase hipnoidal ou preambular da indução hipnótica — graças à instabilidade dos entrechoques excitato-inibitórios, ou seja, à facilidade com que os fenômenos de excitação e de inibição se alternam no cérebro do paciente, a partir, pois, daquele certo momento, as zonas de inibição dominam quase tôda a geografia cortical do participante, um ponto vigil (o próprio pensamento ou o comando ambiental) permanece atuante, o estímulo indiferente (a idéia de um espírito, de uma enti-

dade, por exemplo) se concretiza na verdade corpórea do médium. E pronto. Que acontece depois? A fala automática, a escrita automática, a insensibilidade, a anestesia, a hiperestesia, a catalepsia, as alucinações visuais e auditivas, tudo aquilo que a hipnose obtém por comando heterólogo ou autosugerido.

Espero que o meu amigo Imbassahy já não veja no meu palavrório, uma salgalhada de têrmos científicos incompreensíveis. Rompe-se fàcilmente a cêrca de arames farpados. Continuaremos no assunto, analisando o fenômeno espírita. E para que se não exgote o espaço de que dispomos hoje, uma nota curiosa e suavizadora.

Uma leitora desta revista que não se identifica (deve ser muito forte a sua convicção para obrigá-la ao anonimato...) manda-me uma «prova provada» da existência do espírito desencarnado: um soneto de Augusto dos Anjos «psicografado» por Francisco Xavier. Ei-lo: —

Espírito

de Augusto dos Anjos

Busca a Ciência o Ser pelos ossuários
no órgão morto, impassível, atro e mudo;
No labor anatômico, no estudo
do germe, em seus impulsos embrionários;

Mas só encontra os vermes-funcionários
no seu trabalho infame, horrendo e rude
de consumir as podridões de tudo
nos seus medonhos ágapes mortuários.

No meio triste de cadaverinas
acha-se apenas ruína sôbre ruínas
como bolor e o mofo sob as heras;

A alma que é Vibração, Vida e Essência,
está nas luzes da sobrevivência,
no transcendentalismo das esferas!

Realmente o estílo é de Augusto dos Anjos, espírito, aliás, muito explorado pelos médiuns. Em retribuição, ofereço à essa leitora, êste outro soneto, também de Augusto dos Anjos: —

Espíritas

de Augusto dos Anjos

Quais funerários corvos rapinantes
a farejar defuntos insepultos
e a babar-lhes seus cuspos repugnantes
de credos primitivos e de insultos,

ei-los a praticar necrofagia!
Servem nas taças vis as pituinas
da crendice, da insânia, da magia
e dessas deliquescências cerebrinas!

E sorte de quem se vai seria ainda
se explorassem sòmente a carne finda
que essa a terra transforma em água e sais;

Mas, não; êsses coveiros da memória
tiram de nós o nome, a glória, a história,
aquilo que em cada um não morre mais!

Êste soneto também foi «psicografado», mas numa noite em que o poeta estava, certamente, de mau humor.

A seguir: — «O Fenômeno Espírita» (II)

Serões Bíblicos - VIII

Redator: LUIZ CARAMASCHI

Trabalho-Missão e Trabalho-Expiação

Só quem conhece Cananéia e seus arredores poderá compreender por que Árago se radicou ali. O cêrco, ao longe, feito pela Serra do Mar, que sobe, às vêzes, até mil metros em escarpas íngremes a se destacarem da floresta densa, impede o acesso à zona do planalto.

Os únicos dois lugares onde a Serra pôde ser cortada, em direção ao mar, foi Santos e Paranaguá; de Santos se alcança o planalto em São Paulo e Jundiaí, no passo que de Paranaguá se alcança o planalto onde se assenta Curitiba. O escoamento da produção para êsses dois portos fê-los quase únicos em São Paulo e Paraná.

Cananéia está dentro dêsse cêrco de montanhas, sem vias de comunicações com o planalto. Por isso é zona pobre, de onde a produção dificilmente se escoa, motivando a que os aventureiros gananciosos não façam sua parada ali. Estas causas fazem de Cana-

néia o lugar ideal para um filósofo.

Além disso Cananéia possue belezas naturais, pontos pitorescos visitados a miúdo pelos turistas. São êles a praia da Ilha Comprida, a Ilha do Cardoso, a Ilha do Abrigo, o Morro de São João, os vários saltos como o do Rio Branco, o do Rio Itapitanguí, o do Rio das Minas e o do Rio Mandira. É na desembocadura do Rio Mandira com o das Minas que Árago tem o seu telheiro já descrito nêstes «Serões.»

Mas as belezas não são só estas. Quem vai de Cananéia a Ararapira ou Ariri, vê quão maravilhoso é o rendilhado de terras e águas, onde tantos pequenos rios rumorosos deságuam no mar.

Tínhamos eu, Árago e Dona Cornélia passado um dia maravilhoso, pois andamos pescando e caçando por êste rendilhado de águas e terras. Em nosso passeio, sem pressa nenhuma, chegamos até a fronteira do Estado de São Paulo com o Estado do Paraná. Dona Cornélia fritava-nos os peixes que, pêgos, limpávamos.

Tornados a Cananéia, e após o jantar, descansamos nas poltronas da bibliotéca fartamente iluminada.

Nossas tertúlias começam a ser frequentadas por outras pessoas amigas da beleza e do saber; nesta noite contávamos com a presença muito grata de Hierão Orsoni que, de há muito, nos acompanhava.

Fui eu o primeiro que falou, levantando uma questão para o debate noturno:

— Acho, prezado Árago, uma implicação insolúvel dentro da Bíblia.

Árago — Que é?

Chilon — É que Cristo disse: — «Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também» (João, 5, 17). Êste ponto implica-se com aquêle outro em que Deus disse a Adão:—Maldita seja a terra por causa de ti, para que te produza espinhos e abrolhos! Com o suor do teu rosto comerás o teu pão, até retornares no pó de que fôste tirado (Gênese, 3, 17). A primeira dificuldade é que Deus fêz do trabalho u'a maldição, pois Adão vivia feliz antes, sem trabalhar, e agora havia de comer seu pão com o suor de seu rosto. Ora, sendo o trabalho u'a maldição, como pode ser de Deus e de Cristo o trabalhar, para êste ter dito: — «Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também?»

— A segunda implicação é Deus ter dito a Adão que sua maldição duraria até que fôsse tornado no pó donde saíra. Isto parece que sabe a materialismo, porquanto só os materialistas é que têm, para si, que tudo acaba no pó da sepultura.

— Poderá, o querido amigo, me desfazer estas dúvidas?

Árago — Tu és um prodígio, Chilon, em me propor dificuldades. E eu não sei se sou suficiente para as resolver sem tua ajuda. Responde, por conseguinte, o que te vou perguntando, a fim de vermos se a verdade se assoalha.

Chilon — De pleno acôrdo.

Árago — Dize-me, então: por que trabalham os homens?

Chilon — Para ganhar a vida, ora essa!

Árago — Dizes de todos os trabalhos, ou só de alguns trabalhos em particular.

Chilon — Digo de todos os trabalhos.

Árago — Por exemplo, o do curtidor?

Chilon — Sim, êsse por exemplo.

Árago — E o do pescador, também?

Chilon — Sim, também.

Árago — Ainda o do pensador, ou a êste pões fora da lista?

Chilon — O do pensador também, que se êle escreve e escreve, há de ser para ganhar dinheiro com que fazer face às necessidades da vida.

Árago — Muito bem; alegro-me com teres me respondido desembaraçadamente. Presta atenção, e vê se te safas desta dificuldade:

— Lembras-te de quando visitámos há dias, o curtidor Palmiro, em seu local de trabalho, em Antonina?

Chilon — Sim, lembro-me.

A'rago — Trabalho duro é aquêle de remexer os couros fedorentos, desbastar-lhes as carnaças e raspar os pêlos, não é?

Chilon — Por certo que é.

A'rago — E quando aquêle pobre homem se vê livre dos trabalhos do curtume, vês o que êle faz?

Chilon — Sim, vai às suas pescarias, com seus amigos entre os quais, nos incluímos.

A'rago — E tu me disseste que as atividades do pescador são trabalhos, e as do curtidor, também, não é certo?

Chilon — Agora já não posso fugir do que disse, pressentindo a conseqüência que ides tirar.

A'rago—Não tenho nenhuma pressa. Continua a responder-me:

—Lembras-te de quando subimos pelo Rio Iguape, a fim de vermos as pescarias que ali se fazem de manjuba?

Chilon — Se me lembro! pois isso foi ontem!

A'rago — Viste que trabalho duro é aquêle de arrastar as rêdes? E pior que êste é aquêle outro feito nas praias de Mongaguá, onde as rêdes são arrastadas por meio de bois! Viste como aquêles arrojados pescadores metiam-se dentro da rêde, e pegavam os peixes maiores pelas guelras, no meio de quantos menores estavam a ferver?

Chilon — Sim, é cansativo aquêle labor!...

A'rago — Contudo isso não impede que tenhamos aqui, nêste momento, junto de nós, o nosso amigo Hierão, que é pescador profissional. O seu cansaço não o impede de vir apreciar, todos os dias, nossa disputa; foi êle mesmo o que disse ser nossa palestra, como que uma subida, em balão, na estratosfera, tendo em vista a imensidade azul que se descortina além, no horizonte; não é assim? caro Hierão!

Hierão — Foi o que eu disse, e é o que continuo afirmando baseado na experiência. Graças a êstes serões enxergo muito mais profundamante as coisas que qualquer dos meus companheiros de trabalho.

A'rago — Repara agora, Chilon, que convieste em que o esfôrço do pensador é trabalho. Disto concluímos que nosso amigo Hierão, que é pescador profissional, trabalha, nas horas vagas, como pensador ou filósofo; Palmiro, o curtidor de profissão, é pescador diletante. Ora, se tudo são trabalhos, e quaisquer dêles ú'a maldição, tanto Hierão quanto Palmiro, depois de sofrerem o pêso da maldição das horas de labor, buscam, expontâneamente, outras maldições, para as sofrer nas horas de descanso. É assim que Hierão, cansado de pescarias, repousa nos devaneios filosóficos, no passo que Palmiro se diz estar descansando, quando arrasta suas rêdes, ou joga sua tarrafa, ou rema na sua canôa. Que me dizes, agora, Chilon?

Chilon — Digo, depois destas evidências, que nem todo trabalho é maldição. Há-os que são bençãos, fonte perene de alegria sã. Se a pescaria rendesse mais do que curtume, de modo que Palmiro pudesse, com esta atividade, sustentar os filhos no estudo, êle, por certo, se tornaria pescador de profissão, trabalhando, como se estivesse a distrair-se. Hierão, aqui, não fôssem as necessidades que o põem a pescar, por-se-ia a residir, como eu, nesta casa, acompanhando-vos, em todos os passos da vida. Se todos os que gostam de filosofar pudessem estar aqui, formar-se-ia, ao vosso redor, uma escola filosófica como a pitagórica de Crotona, ou a academia platônica de Atenas ou o liceu de Aristóteles.

A'rago — Agradeço-te o elogio, Chilon; e penso que, se guardarmos as devidas proporções, não faremos injúria aos veneráveis mestres que invocaste. Como bem vês, nem todo trabalho é uma expiação, havendo-os, abençoados, diletantes, e por isso não é muito que Deus e Cristo flaneiem criando. E se isto é o que fazem Deus e Jesus, tal deve ser o objetivo do filósofo: flanar criadoramente, aliás, como fazemos. Quer dizer que cada um deve gostar de fazer aquilo que faz. E tôda a vez que a gente pode escolher o labor aprazível, se é feliz, e o trabalho se resolve na benção de um andar ao laré, à tuna. Contrariamente, quando se é forçado a executar um labor antipático, maçante, a gente é infeliz, e o trabalho se torna numa expiação. O primeiro é um trabalho-missão, gozoso, porque se o faz com alegria; o segundo é expiatório, porque se o recebe como uma forma de dor. **(Continua)**

A melhor doutrina é a que melhor satisfaz o coração e o entendimento, a que mais elementos congrega para conduzir os homens ao bem, e é essa, repito, a que há de prevalecer. — Espírito da Verdade

Crônica Estrangeira

FRANÇOIS MAURIAC E A MORTE

De «Estudos Psíquicos»

Êste grande escritor francês e prêmio Nobel de literatura perdeu há pouco seu irmão Raimundo Mauriac e ficou mergulhado em tristeza. Mas — segundo *La Revue Spirite* — reagiu fortemente e escreveu as seguintes linhas em *L'Express*:

«O dia de nossa morte deveria ser festejado como o do nascimento ou da nossa boda em plena mocidade. O medo e o temor são inseparáveis da afeição. Não receamos de não ser amados, mas de ser indignos. Não se trata do terror que inspira um mestre rigoroso e desumano. Desconhecemos o nosso próprio espírito e não cremos no amor. Não sabemos até onde somos amados. Não temos fé. Kierkegaard dizia que o contrário do pecado é a fé e não virtude. Eu sinto profundamente o que êle quer dizer, mas não me arrisco nesta perigosa teologia».

A experiência da vida amadurece o pensamento e leva os homens à libertação de muitos preconceitos.

DRAMÁTICA VISITA DE UM SOLDADO ALEMÃO A UMA ENFERMEIRA INGLÊSA

Com êsse título «Two Worlds», dá-nos dois dos mais interessantes relatos, sempre satisfatòriamente comprovados, da sobrevivência da alma e do real poder das faculdades supranormais dos médiuns inglêses. Transcrevemo-los:

«A atmosfera do campo de batalha foi dramàticamente captada por Brenda Rowland, durante uma sessão de clarividência, quando um jovem soldado alemão veio agradecer a uma enfermeira britânica, que interrompendo seus deveres no fronte, o beijou no instante de sua morte.

A enfermeira, Miss D. Price, de Herne Hill, Londres S. E. reconheceu a referência feita pela médium a um oficial alemão, de bela figura, cabelo claro e de pouco mais de vinte anos de idade.

«Meus braços estavam cobertos de sangue, diz a médium na sessão de Brixton, faz alguns dias.

«Eu fui ferido por um tiro no estômago. A senhora descansou a minha cabeça em seu braço, e inclinou-se para beijar-me a fronte. A senhora usava uniforme de enfermeira da Cruz Vermelha Antes de morrer eu dei-lhe o crucifixo que tinha na mão».

«O soldado que diz chamar-se Franz Wilhelm, agradeceu a Miss Price por haver tomado o lugar de sua mãe, quando êle morreu e lhe proporcionou uma cerimônia católica, no campo de batalha.

«Eu estava combatendo por aquilo que julgava que era verdadeiro — disse êle — agora compreendo que todos os homens são irmãos. Tenho a impressão que a enfermeira inglêsa pensava o mesmo. Ela me tratou a mim como teria tratado um soldado inglês».

Depois da sessão, Miss Price tirou do bolso um crucifixo e o mostrou aos presentes na sessão e contou que, efetivamente, durante a guerra de 1914-18, havia estado no campo de batalha e colocado o braço sob a cabeça de um jovem alemão, inclinando-se para beijá-lo ao exalar o último suspiro».

Miss Price disse que a descrição da médium, sôbre êsse jovem, era exata. Ela confirmou, também, a referência à cerimônia católica.

O crucifixo que êle lhe deu, havia-o conservado por quarenta anos, como um objeto precioso.

Esta grande demonstração da Verdade, característica da Lei de Deus, tão plenamente provada neste triste e emocionante relato, encerra admiráveis lições de elevada significação moral, como a do pensamento do Espírito comunicante, afirmando o errado conceito da guerra, e vendo que todos os homens são irmãos. No campo de batalha, onde a terra empapada de sangue, protesta-

va contra os insensatos ódios dos homens, a Ternura verdadeiramente material e cristã de uma enfermeira, amparando a cabeça de um moribundo «inimigo» e o beijo que colocou na fronte quando morria, nos comove pela santidade, pela pureza do gesto, recordando-nos que o bem verdadeiro, tanto nos pântanos como na guerra, também pode brotar em forma de lírios.

Gesto santo de santa fraternidade irmã: «Um fato glorioso, que coube a um Espírito a glória de o descobrir».

(Transcrito de «Voz Informativa») — *(De «Two Worlds»).*

NECROLOGIA

JOSÉ VAZ DE CARVALHO

No dia 29 de setembro do ano findo, desencarnou em sua residência, na rua General Glicério, número 225, apt. 401, Rio de Janeiro–GB o nosso velho confrade José Vaz de Carvalho.

Vaz de Carvalho militou no comércio desde a sua mocidade e era uma das figuras de maior prestígio, na sua época, como organizador em confecção de roupas para homem, o primeiro a expor em vitrinas, como hoje se faz, as roupas masculinas.

Conhecido e estimado pela então diretoria da Federação Espírita Brasileira, a convite de Manoel Quintão, assumiu a direção da livraria daquela instituição, dando-lhe nova organização e o impulso a que chegou como editora, impressão e encadernação.

Carlos Imbassahy, elemento de real valor, era nessa época, uma das maiores intelectualidades dentro da Federação e secretário do Reformador. Amigo de Vaz de Carvalho, a quem dissera certa vez: «você, Carvalho, na mocidade vestia o corpo e agora veste o espírito».

Quando Vaz de Carvalho disse a Quintão que deveria se publicar em livro «A Grande Síntese», de Pietro Ubaldi, tradução do Dr. Guillon Ribeiro, Quintão não gostou, dizendo que era uma obra que os espíritas não iriam entender; mas, o gerente da livraria lhe retrucou: «por isso mesmo é que será vendida em pouco tempo, tôda a edição». Tal aconteceu. Vaz de Carvalho estava certo.

José Vaz de Carvalho nasceu em 11 de novembro de 1884, em Itaboraí, Estado do Rio. Teve uma mocidade de trabalho, era esposo dedicado, pai extremoso, amigo leal e cidadão de esmerada educação social.

Quando Vaz de Carvalho deixou a gerência da livraria da FEB, o Dr. Guillon Ribeiro, presidente, lhe ofereceu sua fotografia com a seguinte dedicatória:

«Ao bom amigo e prestimoso companheiro Vaz de Carvalho, em testemunho de estima muito sincera, de viva admiração e grande aprêço, bem como em prova de reconhecimento pelo esfôrço e dedicação com que, do seu posto de administrador clarividente e ponderado, me auxiliou, de modo eficientíssimo, durante longos anos, em exercício de espinhoso cargo de presidente da Federação. (a) Guillon Ribeiro. Fevereiro de 1942.»

Por ocasião do seu sepultamento, Pereira Guedes pronunciou li-

geiro discurso, referindo-se a alguns traços biográficos do amigo e confrade, cabendo ao irmão Josué Gonçalves a incumbência de proferir a prece de despedida.

Seu corpo, em atenção ao que deixara escrito, estava envolto em um lençol, na mais espirítica simplicidade.

Paz e prosperidade ao espírito liberto, eis o que mais desejamos ao querido José Vaz de Carvalho.

—

DR. WALDEMAR PEREIRA COTTA

No dia 9 de novembro, no Rio de Janeiro (GB), verificou-se também, o desencarne do Dr. Waldemar Pereira Cotta, médico homeopata e General da Reserva do Exército.

Era carioca e nasceu em 4 de julho de 1904. Exerceu o magistério como professor da então Escola Normal e da Escola Militar. Quando aluno da Escola Militar do Realengo, fôra desligado em conseqüência do movimento revolucionário de 1922, anistiado em 1930, retornando ao Exército.

Orador fluente e de largos conhecimentos literário, científico e doutrinário. Foi fundador da União dos Discípulos de Jesus com Nelson Batista de Azevedo. Cooperou nos programas de rádio, «Seleções Espiritualistas» e «Hora Espiritualista João Pinto de Souza.»

O seu desencarne ocorreu repentinamente, no escritório do seu amigo e confrade General Jaime Ferreira, mas a notícia do acontecimento se espalhou, no mesmo dia, por todo o Estado da Guanabara e também até onde chegaram os programas radiofônicos, pelos quais era êle sempre ouvido.

(Transcrito de «Almenara», de Janeiro-Fevereiro de 1962).

Espiritismo no Brasil

CONCENTRAÇÃO DE MOCIDADES

Recebemos o Boletim Informativo n.º 4, da XV Concentração de Mocidades Espíritas do Brasil Central e Estado de São Paulo, a realizar-se em Araçatuba, de 19 a 22 de Abril de 1962.

Abaixo damos publicidade à circular que nos foi enviada, com referência a aludida Concentração:

Araçatuba, fevereiro de 1962

Prezados irmãos:

Aproximam-se os dias da XV Concentração e na expectativa de mais êsse certame confraternizativo achamos oportuno dirigirmo-nos aos jovens espíritas do Brasil Central e Estado de São Paulo afim de:

1.º — Recordar algumas recomendações constantes do Regulamento.

Art. 9 — Recomenda-se às Mocidades Espíritas enviarem às Concentrações sòmente moços integrantes de seu quadro social, que participem ativamente de seus programas e tenham conhecimento da Doutrina.

Art. 10 — O número de representantes de cada Mocidade será determinado pela cidade séde, de acordo com sua capacidade de hospedagem.

§ 1.º — sempre que o número de representantes exceder o estabelecido, a hospedagem dos excedentes não correrá por conta da cidade séde.

§ 2.º — cada representação deverá estar munida de credencial fornecida pela Mocidade a que pertencer.

Art. 12 — De cada Mocidade que comparecer à Concentração será cobra-

da a taxa de Cr.$200,00 (duzentos cruzeiros), e de seus representantes, Cr. $ 100,00 (cem cruzeiros) «per capita» a título de contribuição para pagamento das despesas feitas pelo Conselho Diretor, com impressão de relatório, serviço de expediente, etc.

2 — Fixar o limite de representantes por Mocidade Espírita (art. 10 do Regulamento) e que é o seguinte:

5 representantes para as cidades onde haja apenas uma Mocidade Espírita.

3 representantes por Mocidade, nas cidades onde haja mais de uma Mocidade Espírita.

3 — Encaminhar os pontos para o torneio Evangélico-Doutrinário, afim de que os jovens se preparem para representar as suas Mocidades no referido Torneio.

4 — Recomendar aos elementos do sexo masculino que vierem para a Concentração, trazerem roupa de cama, pois muito provavelmente ficarão hospedados em alojamentos coletivos.

5 — Recomendar às Mocidades Espíritas, em cumprimento do art. 22 do Regulamento das Concentrações, enviarem, pelos seus representantes, documentação objetiva das obras de assistência social realizadas em suas cidades (fotografias, mapas de movimento, etc.) que integrará a exposição de obras espíritas.

Brevemente encaminharemos para as Mocidades o Programa da XV Concentração, bem como outros informes para melhor orientação dos concentracionistas.

Agradecendo mais uma vez tôda colaboração prestada, auguramos aos caros irmãos muita paz em Jesus, e subscrevemo-nos

Fraternalmente

Pelo Conselho Diretor

Alfredo Yarid Filho — Secretário

NOTA DA REDAÇÃO — Por absoluta carência de espaço, e por ser um tanto longo, deixamos de publicar a *Lista de Pontos para o Torneio Evangélico Doutrinário.*

Os interessados que desejarem conhecê-lo, poderão se dirigir ao Conselho Diretor da XV Concentração — Rua Oscar Rodrigues Alves, 152, — Araçatuba (SP).

ROTEIRO DE CONFERÊNCIAS

O nosso incansável confrade Newton Boechat continua no seu roteiro de conferências. Após regressar do interior do Brasil, onde falou em diversas cidades, pronunciou mais as seguintes conferências:

Dia 26 de fevereiro—Na «Casa de Fabiano», (Meyer) GB;

Dia 11 de março — Na UMEN, (Niterói);

No dia 24 de março falará em Pádua — Estado do Rio, e, no dia 21 de abril, pronunciará Conferência de encerramento da 4.ª Concentração Espírita do Sul de Minas, em Lavras.

C. I. M. A.

Recebemos um exemplar dos Estatutos do Centro de Investigações Metapsíquicas e Afins, do Centro «Armonia, Luz e Amor», de Maracay, Venezuela.

— Gratos.

CONSELHO FEDERATIVO NACIONAL

Órgão da Federação Espírita Brasileira

Súmula da ATA da reunião mensal ordinária, realizada em 6 de Janeiro de 1962

Com a presença de número legal de Conselheiros, profere o Presidente a prece inicial e declara abertos os trabalhos.

É lida a ATA da reunião anterior, que é aprovada pelo Conselho. Em seguida, é lido o seguinte comunicado:— O Presidente do Conselho Federativo Nacional comunica que a Diretoria da Federação Espírita Brasileira nomeou seu representante Sr. Farmacêutico Carlos Jordão da Silva, autorizando-o a convocar e acompanhar os trabalhos do Simpósio a realizar-se em Curitiba, no correr do mês de Abril próximo, do qual tomarão parte sete Sociedades de âmbito estadual.

SANTA CATARINA — O Conselheiro Manoel Bernardino faz ligeira explanação sôbre os trabalhos realizados pelo Conselho, em 1961 e, em nome da

Federação Catarinense, apresenta saudações ao Conselho, pelo início de novo ano de realizações.

SÃO PAULO—O Conselheiro Carlos Jordão da Silva fala sôbre o Simpósio a realizar-se nos dias 20, 21 e 22 de Abril, em Curitiba, solicitando a colaboração dos senhores Conselheiros.

AMAZONAS—O Conselheiro Luiz Montorfano anuncia os progressos da Federação Amazonense, notadamente no setor de obras assistenciais, entre estas a construção do Hospital «Allan Kardec», em franco adiantamento.

Depois de entreter-se com o Conselho sôbre vários assuntos de interêsse doutrinário e feita, pelo representante da Federação Gaúcha, a prece final, o Presidente encerra a reunião, às dezesseis horas.

—

Súmula da ATA da reunião mensal, realizada em 3 de Fevereiro de 1962

Com a presença de número legal de Conselheiros, profere o Presidente a prece inicial e declara abertos os trabalhos, mandando ler a Ata da reunião anterior, que é aprovada.

Congratulando-se com o Conselho pela presença do confrade José Augusto Romero, presidente da Federação Espírita da Paraíba, o Presidente do Conselho agradece a visita e, depois de apreciar a atuação operosa e satisfatória do visitante nos trabalhos da Doutrina, oferece-lhe um exemplar do livro «O Espírito da Verdade», do Espírito de Emmanuel, ditado a Francisco Cândido Xavier.

SANTA CATARINA — O Conselheiro Manoel Bernardino comunica o inteiro apôio e colaboração da Federação Catarinense ao futuro Simpósio Centro Sulino, de Abril próximo, em Curitiba, e dá notícias sôbre o trabalho constante e profícuo da Entidade e de suas Mocidades, na difusão da Doutrina, no interior do Estado.

BAHIA — O representante da União das Sociedades Espíritas do Estado da Bahia, Coronel Ruy Vidal de Araújo, solicita dispensa do honroso cargo que vinha exercendo, em vista de sua transferência para outro Estado, no desempenho de suas funções militares.

No exame e estudo de vários e múltiplos assuntos de interêsse doutrinário, entretêm-se os Srs. Conselheiros, e às dezesseis horas, feita a prece final pelo representante da Paraíba, é encerrada a reunião.

—

SÃO PAULO ESPERANTA KLUBO

Juntamente com o Boletim Informativo n.º 1, em nova fase, de Janeiro de 1962, recebemos o comunicado que abaixo publicamos:

«Á Imprensa, Rádio e Público em geral:

Os associados do S. Paulo Esperanta Klubo, reunidos em Assembléia Geral, a 3 do corrente, deliberaram promover ampla reforma nos estatutos sociais, dando à Sociedade personalidade jurídica para encabeçar, coordenar e unificar o Movimento Esperantista não só desta Capital, mas também de todo o Interior do Estado, pelo que nossa denominação passa a ser: ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE ESPERANTO, em português, e S. PAULO ESPERANTO-ASOCIO, em esperanto.

Solicitamos que esta notícia seja divulgada na medida de suas possibilidades, o que muito contribuirá para o progresso do Idioma Internacional.

Aproveitamo-nos dêste ensejo para ainda rogar seja noticiado:

Cursos de esperanto. 1.º e 2.º estágios, início em março, com duas aulas semanais e duração de quatro mêses. Classes diurnas e noturnas. Informações e matrículas: Associação Paulista de Esperanto, rua do Carmo, 88, 1.º andar, sala 20, das 18 às 20 hs., diàriamente, inclusive aos sábados.

Com a manifestação do nosso profundo agradecimento pela atenção que nos fôr dispensada, somos

Cordialmente,

Adolpho Muniz Furtado
Presidente»

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor Redator: A. Watson Campêlo

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

AVENIDA 28 DE AGOSTO N.º 780

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornais de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira, deixa os leitores ao par de todos os fatos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acôrdo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano	— Assinatura simples	Cr.$250,00
Semestre	— „ „	130,00

NÚMERO AVULSO CR.$25,00

As assinaturas são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: Rio de Janeiro

e na LIVRARIA BATUÍRA

Rua Bitencourt Rodrigues, 37 — SÃO PAULO